

O RETRATO DO INFANTE D. FERNANDO NAS JANELAS VERDES (M.N.A.A.)

Maria Emília Vaz Pacheco

*Doutoranda/ Investigadora, ARTIS – Instituto de História da Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
mevazpacheco@hotmail.com*

RESUMO

«[...] uos certifico que nom perdemos a boa esperança de ajuda e acorrimento de Nosso Senhor Deus e da Virgem Maria, sua madre, Nossa Senhora e (...) em uos, ssenhor irmão, que sei que me tendes tamanho amor, que maior ser nom pode, e espero que, por me liurardes, fazeis e fareis como por uos mesmo». – Excerto da Carta do Infante Santo ao Regente D. Pedro, datada da Masmorra de Fez a 12 de Junho de 1441.

Palavras comoventes, rondando o desespero de quem, a dois anos da sua morte, não vislumbrava o modo como haveria de ser libertado, porventura porque consciente do real significado do seu cativo.

PALAVRAS-CHAVE

Retrato | Iconografia | Fonte Histórica e Artística

ABSTRACT

Infant D. Fernando Portrait analysis (Ancient Art Museum, Lisbon) was deeply inspired by the moving letter of King D. João I's youngest son. His words were written from Fez dungeon on the 11th of June 1441 and directed to his brother D. Pedro, the Regent.

The portrait reading is focused on its historic and cultural circumstances. Main issues of production such as order, authorship and iconographic value are also highlighted.

KEYWORDS

Portrait | Iconography | Historical Source | Artistic Origin

DA RELEVÂNCIA DE ALGUMAS PASSAGENS DA VIDA DO INFANTE

João Álvares (1406-1408?-c.1490) constitui um testemunho fundamental para a compreensão da vida do Infante D. Fernando (1402-1443) (*Crónica do Infante Santo D. Fernando...* 1960: 1, 106)¹. O retrato que dele faz o Cronista é o de um homem de compleição física fraca, franzino, doente, virtuoso, casto, religioso, temente a Deus, de discurso fácil, devoto, obediente e cuidadoso (*Crónica do Infante Santo D. Fernando...* 1960: 7-17). Dedicado às questões religiosas, «Tiinha muy grande e nobre livrarya de todalas obras eclesiasticas e segraaes» (*Crónica do Infante Santo D. Fernando...* 1960: 17) e entre as inúmeras preciosidades da sua livraria e os muitos bens pessoais e alfaias religiosas, que deixa distribuídos por diversos conventos, igrejas e capelas, à sua terra natal deixa tão só à Igreja de Sta. Cruz de Santarém uma vestimenta (*Crónica do Infante Santo D. Fernando...* 1960: 11)².

Por João Álvares sabemos que o Infante D. Fernando acreditava na entrega de Ceuta, em troca das vidas cativas (ALVARES 1960: 27-28). A primeira humilhação pública infligida sobre os cativos surge-nos assim narrada, por ocasião da transferência para Arzila: «Poseram o Ifante e os seus aa porta da vila, onde

os visem aquelas gentes de mouros (...) De cada huñs eram enjuriados, cospidos e escarnidos, e deles lhes lançavam pedras» (ALVARES 1960: 28). Todavia, o retrato que do Infante nos transmite João Álvares é o de uma pessoa doente, mas que jamais deixa de ser misericordioso, e que encontra na fé católica a força para resistir (ALVARES 1960: 31).

Achava-se o Infante desejoso de sair do cativeiro, é certo, mas o Reino estava dividido e D. Duarte «tomou das côrtes por mais expediente meio dilatar o caso e fazelo saber ao Papa e aos Reis Christãos» (PINA 1901: 142).

Dias Dinis publicou uma carta do Infante Santo, datada de Fez, 12 de Junho de 1441, dirigida ao regente D. Pedro, a qual confirma indiscutivelmente o seu desejo de terminar «iazendo cattiuo»³.

Segundo o testemunho do seu cronista, o Infante finava-se em 4 de Novembro de 1473⁴. Ruy de Pina refere que «A morte d'este Infante por sua calidade e desamparo foi muito sentida e pranteada n'este reino, e principalmente dos Infantes seus irmãos, que lhe mandaram fazer mui honradas e solemnes exéquias [...]»⁵.

1. *Crónica do Infante Santo D. Fernando, de Frei João Álvares – Trautado da Vida e Feitos do Muito Vertuoso S.º Ifante D. Fernando*. Edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1960, p. 106. Veja-se, igualmente, o Prólogo da mesma obra, nomeadamente a p. 1. Entrado na sua casa pelos dez anos, em 1428 ocupava o cargo de seu Secretário e até ao ano em que acompanhou o amo na Expedição a Tãnger – 1437 – foi tabelião do Paço. Refém dos mouros desde 16 de Outubro daquele ano, foi libertado em 1448, para regressar dois anos mais tarde ao Norte de África, com a finalidade de trazer as vísceras do Infante.
2. «Ifê mando õ façam fazer hũa vestimẽta comprida cõ capa e almatigas cõ suas aluas e estollas e manipullos e seia dada aa egreja de sam migueel de lixboa. E seia de damasquim branco. E façam outra tal vestimenta assy perfeita de todo como esta de damasquũ uermelho E seia dada aa egreja de sãta cruz de santarẽ».
3. António Joaquim Dias Dinis, *Carta do Infante Santo ao Regente D. Pedro, datada da masmorra de Fez a 12 de Junho de 1441*, in Anais da Academia Portuguesa da História, II Série, vol. XV. Veja-se, a propósito, Frei Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, Parte I, Livro 6, Capítulo 31.
4. Frei João Álvares, carta dirigida em 4 de Novembro de 1473 ao Cabido de N. Senhora de Oliveira, de Guimarães, carta achada por Gaspar Estação no arquivo da dita Igreja, publicada em *Várias Antiguidades de Portugal*, 1625 e incluída em *Obras de Fr. João Álvares*, Vol. II, 1959, Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis, pp. 219-220.
5. *Chronica d'El-Rei D. Affonso V*, Capt.º LXXXIII, Vol. II, 1902, Edição de Mello d'Azevedo, p. 14.

O INFANTE D. HENRIQUE E A SUA HOMENAGEM AO MÁRTIR DE FEZ

O envolvimento do Infante D. Henrique na questão do cativo do Infante D. Fernando é evidente, crescendo à medida que se aproximava do final da sua vida. Basta analisar a cronologia dos acontecimentos:

- Em 18 de Agosto de 1437 é o próprio D. Fernando que, no seu testamento, o encarrega de cuidar da sua sepultura (FREIRE 1915: XLVIII)⁶.
- João Álvares dá-nos conta de que um seu criado teria abordado Çala, em Fez, com a finalidade de tentar a sua libertação por dinheiro: «[...] e porque a Çale era chegado Gonçalo de Sintra, criado do Infante dom Anrique, e disserom que trazia enbaixada a Lahene e presentes pera veer se poderia cobrar o Infante pera o dar por dinheiro» (ÁLVARES 1960: I, 62).

A sua atitude, em 1451, por ocasião da chegada das primeiras relíquias, acompanhando-as de Tomar à Batalha, participando no cerimonial religioso, ajoelhando-se, beijando as relíquias, e ordenando às suas custas uma missa diária no altar do irmão (ÁLVARES 1960: I, 107). O seu apoio, a par do apoio do sobrinho e Rei D. Afonso V, no acabamento da biografia do irmão D. Fernando, redigida por Frei João Álvares, entre 1451 e 1460 (ÁLVARES 1960: I, 3-4).

Certamente que a aproximação do final da vida, e o receio da morte, não teriam diminuído o peso da acusação que sobre si tinha apontado D. Duarte nas Cortes de Leiria, em relação ao desastre de Tânger (PINA 1901: 138). Corrobora tal intervenção o conteúdo de diversos documentos e cartas testamentárias do Infante D. Henrique (*Monumenta Henricina* 1973: XIV, 1617 e ss)⁷, onde é bem visível o seu cuidado

em encomendar missas para sua salvação. No texto do escrito das Capelarias, de confirmação das suas Cartas das Capelas ou Testamentárias e apenso ao seu derradeiro Testamento, embora anterior a ele, pode ler-se: «[...] pollo amor de Deus e por saluaçom de minha aalma» fiquem «qujtes e liures de todo o que assy por mym rreçeberom e despenderom» oficiais, almoxarifes e outras pessoas que haviam recebido rendas e dinheiros e cousas e «que me nom tenham dadas suas contas» (*Monumenta Henricina* 1973: XIV, 22).

O historiador David Lopes reforça as culpas atribuídas ao Infante D. Henrique no desastre de Tânger e no cativo do Infante D. Fernando (LOPES 1931: III, 419). Desaparecidos, pois, D. Duarte e D. Pedro, martirizado D. Fernando, e goradas que haviam sido as tentativas empreendidas para resolver a questão do cativo desse Infante, a quem mais, senão ao Infante D. Henrique, deveria cumprir o «desencarregamento de minha cõciencia e sua»? (FREIRE 1915: XLVIII). D. Henrique tinha a sua vida e a empresa da expansão penhoradas ao mártir de Fez e, no final da vida, naturalmente que não podia libertar-se dessa dívida de consciência. Por isso, o convertia em herói mártir e «com ele eram todas suas devoções», como afirma Fr. Luís de Sousa (SOUSA 1866: p. 273 e ss.)⁸.

A pintura em análise poderá ter sido encomendada pelo Infante D. Henrique, como redenção, para o seu altar, executada após 1443, data da morte do Infante Santo, e também após 1449, data em que o Rei D. Afonso V concede altar e jazigo a D. Henrique, na Batalha, e provavelmente entre 1451 e 1460, respectivamente as datas de regresso das primeiras relíquias do Infante D. Fernando e a da morte do Infante D. Henrique.

6. *Testamento de D. Fernando*, publicado por Braamcamp Freire, in *Introdução à Crónica del Rei dom Joam da boa memória*, Edição do Arquivo Histórico Português, 1915, pág. XLVIII: «E acontecendo õ eu moyra fora desta terra como dito he e o Iffante dom hēriõ meu jrmaõ por algũa cousa em õ for ocupado ouver por empacho de tomar carrego de minha sepultura segundo eu hordenõ».

7. Designadamente docs. 7, 8 e 9, respectivamente datados de 9 e 13 de Outubro de 1460.

8. Acresce que Frei João Álvares, que descreve minuciosamente a chegada das primeiras relíquias e todo o cerimonial na Batalha, jamais menciona a existência de qualquer pintura alusiva ao Infante Santo, no Mosteiro ou na Capela do Fundador.



Fig.1 - Tríptico do Infante Santo, D. Fernando. Óleo sobre madeira. 75x109cm. MNAA. Agradecimentos: DGPC e MNAA.

O TRÍPTICO DA BATALHA E O RETRATO DO INFANTE D. FERNANDO

Na História de S. Domingos, Frei Luís de Sousa refere que

«Da mesma maneira que os Reis tem seu altar junto de si, que he da invocação da Cruz, tem os quatro Infantes outros quatro altares juntos, e distintos por seus arcos formados na grossura da parede no lanço da quadra, que fica contra os pés dos Reis [...] A invocação dos altares he segundo a devação que cada hum teve em vida. O primeiro, que segue logo apoz a sepultura do Infante Santo he da Assumpção de N. Senhora. Mostra-se que pertence ao mesmo Santo, porque nos paineis, que cercão a Senhora, se vê retratado com duas cadeas, e successos de seus trabalhos [...] No terceiro fez o

Infante dom Anrique pintar o Infante dom Fernando, porque o tinha por Martyr, e com elle erão todas suas devoções» (SOUSA 1866: p. 273 e ss.).

Alude ainda, o mesmo Cronista do séc. XVII, à existência de dois tipos de painéis: nos primeiros por ele focados a temática corresponde rigorosamente à descrição representada nas *Acta Sanctorum* dos Bolandistas⁹.

O Cardeal Saraiva dá o seu testemunho, registando o que ainda viu: «Hoje apenas existem fragmentos [...] apenas escaparão algumas taboas com o retrato do Infante Santo, e passos do seu captivoiro [...] de muito inferior merecimento [...]» (SARAIVA 1872: I, 322).

9. *Acta Sanctorum*, 1.º Vol. do mês de Junho, p. 561, cuja gravura está reproduzida por José Saraiva (1925) – *Os Painéis do Infante Santo*.

10. «No mosteiro da Batalha existiram duas séries da paixão do Infante-Mártir: uma na sua própria capela, pintada por Cristóvão de Figueiredo, por devoção da Rainha D. Leonor e à custa da sua fazenda; outra na capela do Infante D. Henrique, e por este mandada pintar».

11. «D. Fernando teve culto – ao menos não contestado – da última metade do século XV até pelo menos ao último quartel do século XVII, na Batalha, e muito provavelmente também em Lisboa, ao menos no século XV».

Cyrillo Volkmar Machado escreve que «O Infante D. Henrique mandou retratar D. Fernando o Santo, seu irmão, no retábulo da sua Capella na Batalha» (MACHADO 1823: 17) e José Saraiva, apoiado em Fr. Luís de Sousa e no Cardeal Saraiva, refere a existência de duas séries de painéis (SARAIVA 1925: 116)¹⁰. Domingos Maurício Gomes dos Santos desenvolveu a tese de existência de um culto canónico ao Infante D. Fernando (SANTOS 1927: 134-142, 193-206)¹¹, invocando a "Acta Sanctorum dos Bolandistas e o Códice Vaticano latino 3634 (SANTOS 1927: 134-142, 193-206), e José Saraiva, ao analisar o culto do Infante Santo, salienta:

«[...] nas Actas Sanctorum que imprimiu a Companhia de Jesus [...] escreve Daniel Papebrochio a vida do Infante D. Fernando, sempre com o título de Santo, e com as estampas de todos os estados do seu cativo [...] entre as outras estampas se vê com resplendor a sua imagem, como distintivo da sua Santidade. A vida aí publicada é a tradução em latim da crónica escrita por Fr. João Álvares. Para esta versão deligenciaram os bolandistas haver algum exemplar da 1.ª Edição (1527), o que não conseguiram, e a 2.ª edição (1577) [...]» (SARAIVA, J. 1925: 101 e ss.).

É de realçar que as nove quadrículas que rodeiam a gravura que reproduz a mencionada imagem do Infante Santo representam cenas da paixão descritas por Fr. João Álvares (ALVARES 1960), sendo manifesta a derivação da Figura Central da gravura aí reproduzida da Figura do Infante Santo no painel central do tríptico batalhino, registando-se também afinidade temática entre as quadrículas e as cenas dos painéis laterais do tríptico. Das representações do Infante Santo chegadas até nós, a cronologia parece evidenciar que o tríptico da Batalha terá servido de inspiração à iconografia fernandina (SARAIVA, J. 1925: 124)¹². De facto, enxada, corda e cadeia são elementos que iconograficamente aludem aos trabalhos pesados de que os mouros haviam incumbido o Infante, no cativo: tratar das bestas, da estrebaria, cavar na horta... Com base nessa argumentação, se é verdade que do tríptico proveniente da Batalha terão derivado todos os documentos iconográficos representando o Infante D. Fernando, certamente que a sua representação serviu de inspiração porque se reconhecia que era o Infante Santo que nele estava

representado. Ao estabelecer a relação entre o tríptico e a crónica de D. Fernando, José Saraiva admite duas possibilidades:

«O tríptico deve ter sido pintado já depois de Fr. João Álvares ter escrito a sua crónica, porque os edículos das portas são evidentemente inspirados nela. A razão, em todo o caso, não é concludente, porque pode a composição ter sido feita segundo informações prestadas pessoalmente por Fr. João Álvares antes de escrita a crónica» (SARAIVA, J. 1925: 122).

Outro documento iconográfico tido em atenção pelo mesmo Autor, por razões de semelhança evidente, é o retrato do Infante Santo contido nas *ANACEPHALAEOSSES*, biografia publicada no séc. XVII pelo Pe. António de Vasconcelos: «O retrato que se vê aqui foi copiado do exemplar que na Batalha está colocado sobre o sepulchro do mesmo Infante; mas lá está com trajo vulgar, aqui vai representado com a armadura de guerreiro» (SARAIVA, J. 1925: 135). José Saraiva argumentou até sobre a possibilidade de veracidade da fisionomia do Infante, apoiado na proximidade dos testemunhos dos seus companheiros de cativo (SARAIVA, J. 1925: 122).

Somos de opinião que esse retrato "sobrevivente" ao tempo e às vicissitudes históricas terá sido o retrato de «muito inferior merecimento» referido pelo Cardeal Saraiva, o mesmo agora em análise, e que o Infante D. Henrique terá feito pintar para o seu próprio altar, em homenagem ao irmão, na sua Capela na Batalha, donde saiu em 1948 para o Museu Nacional de Arte Antiga. Efectivamente, no painel central do tríptico em análise, sobre um fundo de brocado a ouro e vermelho, destaca-se a figura do Infante Santo, cuja cabeça está coberta por uma gorra. Figura franzina, atarracada, vestida de negro, tez macilenta, mãos caídas sobre a cadeia pendente, no seu rosto impõe-se, para além da longa barba castanha, a perplexidade de um olhar interrogativo, que amplamente traduz as palavras que o seu cronista lhe colocou na boca: «Polo que eu padeço e polo que sey e por quem som [...] Deus sabe que ja som farto de viver neste mundo» (ALVARES 1960: 84).

Simultaneamente patético e comovente, este retrato documenta um tempo histórico que buscava em Deus a justificação da existência e do sofrimento humano:

12. Nesta e nas páginas seguintes, com base no testemunho de Damião de Góis – *Chronica de D. Manuel I*, 1.ª Parte, Capt.º LIII Leiria.

«O Senhor Deus, pera que me leixastes viver, que vise tanto mal e que eu com todolos que me bem querem fose tam mortalmente ferido?» (ALVARES 1960: 52). Os traços do rosto expõem um homem sacrificado, em sofrimento, e certamente que Fr. João Álvares (que vivia ainda em 1473), pôde testemunhar em vida a veracidade dos seus traços fisionómicos, subjacentes à divulgação iconográfica do Infante Santo, após a sua morte.

Cada um dos volantes que ladeiam o painel central apresenta dois compartimentos: no que se apresenta à esquerda do observador, percebe-se o corpo jacente do Infante, no cativeiro, sobre uma espécie de esteira colocada sobre o lajedo; na parte de cima vê-se a imagem suspensa da Virgem Maria, envolta em auréola radiante, de quem o Infante se confessava grande devoto, sendo evidente a conotação da cena com a visão do Infante, à beira da morte, descrita por Fr. João Álvares. No compartimento inferior restam vestígios de duas personagens, de joelhos e mãos postas, em prece, figuras que porventura poderão estar associadas às personagens do capelão e do físico do Infante, Mestre Martinho (filho do Cronista Fernão Lopes, que morreu em Marrocos, logo a seguir ao amo) que acompanharam em vigília o corpo do Infante. No volante da direita, apenas se percebe, na parte de cima, os vultos de cavaleiros mouros e cabeças de cavalos, certamente numa alusão aos seus

castigadores no cativeiro. Embora muito deteriorada é visível, na pintura, que a temática das cenas representadas remete para as descrições efectuadas por Fr. João Álvares.

Em termos iconográficos, há uma identificação evidente entre o Tríptico, a imagem do Infante Santo publicada pelos Bolandistas (com uma auréola) nas *Act. SS. Jun. T.I (Acta Sanctorum)* e a figura do Códice Vaticano latino 3634 fl. 1 R, a primeira reproduzida por José Saraiva (SARAIVA, J. 1925) e a última divulgada por Domingos Maurício Gomes dos Santos (SANTOS 1927: 134-142, 193-206), sendo por isso conclusiva a derivação de ambas as imagens do Tríptico da Batalha, conforme comprovam estes dois autores.

Não sendo o Infante D. Henrique frequentador da Corte, por certo o seu pragmatismo tê-lo-á levado a privilegiar o retrato em homenagem ao irmão, morto no cativeiro, sem grandes preocupações de carácter erudito e estético. Acresce que não poderia ser insensível ao Testamento do mártir e sabia que ele havia ordenado «[...] me levem ao Mosteiro de Santa Maria da Vitória, onde escolhi minha sepultura, e esto seja sem nehua pompa, nem outra sobeja despeza, mas asim chamente, como levarião hum simples cavaleiro (...)» (GOMES 2002: I, 210)¹³.

CONCLUSÃO

Embora se encontre muito danificada da análise desta obra, de “muito inferior merecimento”, deriva o sentimento geral bem expresso nas palavras de David Lopes, de uma justeza gritante: «Assim, o abandono do infante foi um crime – repetimos» (LOPES 1931: III, 432). E como se ajustam, à perplexidade do rosto do retratado, as palavras que o Infante D. Fernando terá escrito, numa última carta dirigida ao Regente, o Infante D. Pedro: «Sempre pense ca antes da morte vos verja; mas nom se aprageo Deos asj delho Y me faz graão aprazimento de acavar aqui em os martejros que, segundo penso, sabereis (...) y se aserca a hora de dar a conta dos meos erros ao sempre eterno Deos nosso» (SANTOS 1956, 11-32).

Terminamos citando Vítor Pavão dos Santos:

Nesta pintura em ruínas, devastada pelo tempo, um homem diminuto, agrilhado, vestido de negro, de barba castanha, longa e escorrida, lança-nos um olhar interrogante e perplexo, incapaz de compreender o seu absurdo destino. Os restos de um fundo de rico tecido vermelho e ouro mais acentuam o patético deste retrato singular, que não será talvez boa pintura, mas é, de certeza, um documento comovedor» (SANTOS, V. 1983: 80).

13. Vide Cláusulas do Testamento do Infante D. Fernando relativas ao Mosteiro da Batalha, transcritas por Saúl António Gomes.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACTA SANCTORUM DOS BOLANDISTAS, 1577, Junho, t. I, parcialmente referenciada por SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos – «O Infante Santo e a Possibilidade do seu Culto Canónico». *Revista Brotéria*, Caminha. Vol. IV (1927) 134-142, 193-206.

ÁLVARES, Frei João – «*Trautado da Vida e Feitos do Muito Virtuoso S.º Ifante D. Fernando e II, Cartas e Traduções*» [edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado]. In *Obras*. Vol. I. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis: Coimbra, 1959-1960

BOAVENTURA, Fr. Fortunato de S. – *Summario da Vida, Acçoens e Gloriosa Morte do Senhor D. Fernando chamado assim dentro como fóra de Portugal O Infante Santo que de hum M.S. Latino e Inedito da Bibliotheca Vaticana trasladava em lingoagem Fr. Fortunato Arcebispo D'Évora* [Modena, na Impressão regia Cameral 1836]. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1958.

CÓDICE VATICANO LATINO 3634, parcialmente referenciado por SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos (1927) – «O Infante Santo e a Possibilidade do seu Culto Canónico». *Revista Brotéria*. Caminha. Vol. IV (1927). 134-142, 193-206.

DINIS, António Joaquim Dias – «Antecedentes de Tânger». *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. II Série, Vol. 13, (1963).

DINIS, António Joaquim Dias – «Carta do Infante Santo ao Regente D. Pedro, datada da Masmorra de Fez a 12 de Junho de 1441». *Anais da Academia Portuguesa de História*. Lisboa. II Série, Vol. XV (1965) 149-174.

FREIRE, Braamcamp – *Introdução à Crónica del Rei dom Joam da boa memória*. Edição do Arquivo Histórico Português, 1915.

GOMES, Saúl António – *Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha* (sécs. XIV a XVII). Lisboa: IPPAR. Vol. I., 2002.

LOPES, David – «Os Portugueses em Marrocos: Ceuta e Tânger». *História de Portugal*. Vol. III. Barcelos, 1931.

LOPES, Fernão – *Crónica do Senhor Rei D. João I*. 2 vols. Porto: Livraria Civilização, 1983.

MONUMENTA HENRICINA (1960-1974). Volume XIV. Coimbra: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1973.

MACHADO, Cyrillo Volkmar – *Colecção de Memórias Relativas às Vidas dos Pintores e Escultores, Architetos e Gravadores Portuguezes e dos Estrangeiros, que Estiverão em Portugal* (recolhidas e ordenadas por Cyrillo Volkmar Machado). Lisboa, 1823.

PINA, Ruy de – *Cronica de D. Afonso V*. 3 vols. Lisboa: Bibliotheca de Clássicos Portugueses, Edição de Mello d'Azevedo, 1901.

____ – *Cronica de D. Duarte*. Lisboa: Bibliotheca de Clássicos Portugueses, Edição de Mello d'Azevedo, 1901.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos – «O Infante Santo e a Possibilidade do seu Culto Canónico». *Revista Brotéria*. Caminha. Vol. IV (1927) 134-142, 193-206.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos – «A Última Carta do Infante Santo e a Falência do seu Resgate». *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. II Série, Vol. 7 (1956) 11-32.

SANTOS, Vítor Pavão dos – *Os Descobrimentos Portugueses a Europa do Renascimento 'O Homem e a Hora são um só' – A Dinastia de Avis*, Casa dos Bicos. XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura. Lisboa: Casa dos Bicos, 1983.

SARAIVA, Cardeal, «Memoria Historica sobre as Obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha». In *Obras Completas*, Tomo I, Imprensa Nacional, 1872.

SARAIVA, José – *Os Painéis do Infante Santo*. Leiria, 1925.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Cronistas do Séc. XV Posteriores a Fernão Lopes*. 2.º ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

SERRÃO, Vítor – «Pintura e Vitral». In *História da Arte em Portugal. O Gótico*. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

SOUSA, Frei Luís de – *História de S. Domingos*. 3.º Ed., 1.º Parte, Livro VI, 1866.

TESTAMENTO DO INFANTE D. FERNANDO, realizado a 18 de Agosto de 1437, publicado por Braamcamp Freire em *Apêndice de documentos à «Primeira Parte da Crónica de D. João I»* (por Fernão Lopes). Edição do Arquivo Histórico Português, 1915.

VITERBO, Francisco de Sousa – *Notícia de Alguns Pintores Portuguezes e de Outros que, sendo Estrangeiros, Exerçeram a sua Arte em Portugal*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1903.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa – *Elucidário das Palavras, Termos e Frases que em Portugal Antigamente se Usaram e que Hoje Regularmente se Ignoram* [edição crítica de Mário Fiúza] 2 vols. Porto: Livraria Civilização Editora, 1966.